

# Perdão

diálogos entre a filosofia e a teologia



RENÉ DENTZ

# Perdão

diálogos entre a filosofia e a teologia

  
Paulinas

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Angélica Ilacqua CRB-8/7057**

Dentz, René

Perdão : diálogos entre a filosofia e a teologia / René Dentz. – 1. ed. – São Paulo : Paulinas, 2024.

104 p. (Coleção Filosofia em diálogo)

ISBN 978-65-5808-298-9

1. Perdão - Aspectos religiosos 2. Filosofia 3. Teologia I. Título  
II. Série

24-2124

CDD 234.5

**Índice para catálogo sistemático:**

I. Perdão - Aspectos religiosos

1ª edição – 2024

Direção-geral: *Ágda França*

Editores responsáveis: *Maria Goretti de Oliveira*  
*João Décio Passos*

Copidesque: *Mônica Elaine G. S. da Costa*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Sandra Sinzato*

Gerente de produção: *Felício Calegari Neto*

Produção de arte: *Elaine Alves*

---

*Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.*

---



Cadastre-se e receba nossas informações  
[paulinas.com.br](http://paulinas.com.br)  
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

**Paulinas**

Rua Dona Inácia Uchoa, 62  
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

☎ (11) 2125-3500

✉ [editora@paulinas.com.br](mailto:editora@paulinas.com.br)

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2024

# SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	7
<b>I A atualidade do perdão</b> .....	11
<b>II Fenomenologia do perdão</b> .....	29
Existe o imperdoável?.....	31
O perdão e suas complexidades.....	35
A memória e a liberdade: caminhos do perdoar.....	37
Qual a relação entre esquecimento e perdão? .....	43
Qual a relação entre a anistia e o perdão? .....	44
O mal, o perdão e a culpa .....	49
A gratuidade da graça .....	52
A economia do dom: uma perspectiva não violenta .....	54
Amor e justiça: a superabundância além da regra de ouro .....	59
<b>III Ricoeur e Lévinas: hermenêutica e     pós-hermenêutica da ideia de revelação</b> .....	67
Gratuidade <i>versus</i> recompensa: dilemas da sociedade contemporânea .....	78

<b>IV Dimensão teológica do perdão</b> .....	85
Memória e historicidade .....	85
A influência da Pós-Modernidade na teologia .....	88
“Deus sem absoluto” e a vulnerabilidade da condição humana diante da morte – uma reescrita – abertura ao perdão .....	92
<b>Conclusão</b> .....	95
<b>Referências bibliográficas</b> .....	101

# INTRODUÇÃO

O perdão é um tema relativamente pouco estudado no campo filosófico. Tal fato se deve, possivelmente, ao vínculo temático teológico. Muitas tradições e correntes filosóficas hesitam em abordar temas dessa natureza. Na teologia, no entanto, devido à sua vinculação com a cristologia e mesmo com a antropologia teológica, existem diversas abordagens. O perdão é daqueles temas difíceis, deslizantes, que incluem uma reflexão teórica e, ao mesmo tempo, uma prática. Propomos um caminho híbrido, no qual a teologia será nutrida pela filosofia, e a filosofia, por sua vez, buscará inspiração teológica. Trata-se de uma discussão que tem como ponto de partida uma síntese entre a memória, a história e o esquecimento.

Teologicamente, o perdão é possível quando pensamos em uma perspectiva de desconstrução de absolutos, em viés pós-moderno, por exemplo. Entender o Reino de Deus como esvaziamento do absoluto, em sua dimensão *kenótica*,

é um caminho necessário. O perdão é possível, é difícil, mas existe devido a um ultrapassamento da razão; está em uma lógica da superabundância, do excesso, ao contrário do pensamento causal e da reciprocidade. Ele se aproxima dos caminhos da promessa e do Reino de Deus. O modelo antropológico que pressupomos é o da liberdade em uma abordagem filosófica, e, em uma concepção de inspiração teológica, o da graça, da superabundância. O perdão é um ato de liberdade. Apesar dos determinismos, há a liberdade; apesar do mal, há o perdão. Uma liberdade proveniente da visão cristã do sujeito histórico em contraposição à do determinismo histórico. Para configurar sua tese, ele traz três abordagens fundamentais: a fenomenologia da memória, a epistemologia da história e a ontologia da condição histórica. A memória é considerada como uma lembrança em um determinado momento da história, sendo inseparável do tempo. Por outro lado, há a possibilidade do esquecimento, que se resume a lembrar o passado com fidelidade, não esquecendo os fatos que ocorreram, mas lembrando-os com um olhar diferente daquele vivenciado ou presenciado na época. Dessa forma, o esquecimento torna-se um componente fundamental do perdão.

Em sua abordagem filosófica, o caminho do perdão se revela por meio do dom, do reconhecimento e da ética.



Em um caminho de inspiração teológica, exemplificamos um percurso que vai da lei (quando a reconciliação se torna possível em um primeiro momento), à possibilidade da nomeação de Deus, à revelação e, como consequência, à uma hermenêutica bíblica.

Seguindo um caminho filosófico-teológico, pensamos a esperança e a escatologia do perdão. A esperança desempenha o papel de “descentramento”, entre metáforas e parábolas, por um lado, e a extravagância das coisas narradas e o Reino, por outro. Da mesma forma, caracteriza o pensamento criativo como um método de aproximação, que implica uma relação paralela entre filosofia e teologia, mas ambas convergem em uma direção “escatológica”.

Por fim, faz-se necessário pensar a “máxima instância filosófico-teológica” do perdão: a lógica da superabundância. A lógica de generosidade que permeia o perdão é um ponto central nos Evangelhos, manifestando-se em parábolas e provérbios de Jesus. No campo ético, o perdão e sua economia do dom, comandados pela lógica da superabundância e do excesso, podem motivar uma nova atuação política e ética em um aspecto universal.



# I A ATUALIDADE DO PERDÃO

O perdão é um tema sempre urgente. Perdoar é uma possibilidade humana, potencializada por Deus. Não se trata de uma obrigação, mas de um belo caminho. Vivemos tempos de conexão de afetos, de ódio, de polarizações. Nas redes, a ideia imediata, simples e aparentemente potente parece ganhar mais espaço. O perdão, a reconciliação, a paz, a compreensão do outro se tornam elementos raros, escassos. Perdoar é um processo; não pode ser superficial e imediato. Como horizonte, aponta para um caminho, mas sem uma temporalidade determinada. É preciso que haja um exercício da memória, uma atestação da dor, da ferida. O problema, muitas vezes, é que não sabemos até onde foi a ferida, quais traumas ela resgatou e despertou. Por isso, perdoar é uma possibilidade e não deve ser visto como um ato de formalismo moral. No entanto, ao percorrer o caminho da memória, pode-se encontrar a paz, uma paz duradoura e real, fruto de uma memória apaziguada.

Os sentimentos humanos muitas vezes se impõem de forma coletiva, fazendo com que muitos sintam e pensem conforme o grupo ou como disseminado por alguns meios e por alguns líderes. É preciso enfatizar que o horizonte de perdão foi instituído de forma mais clara e profunda pelo cristianismo. Portanto, não há possibilidade de vivermos sentimentos cristãos e simplesmente ignorarmos a dimensão do perdão. Em outras religiões, existe a possibilidade do perdão, mas é interessante notar como no pensamento cristão ele ganha maior centralidade. Alguns se equivocam ao citar e defender o antigo código de Hamurabi, da Babilônia, presente no Antigo Testamento, no livro do Deuteronômio, mais precisamente a chamada “Lei do Talião”: “Olho por olho, dente por dente”. Trata-se de uma perspectiva antiga, que não conhecia ainda a dinâmica da lei do amor, da regra de ouro. Até mesmo líderes não cristãos, como Gandhi, fizeram críticas importantes sobre essa lei: “A antiga Lei do Talião, que afirmava ‘Olho por olho’, cega a todos”. De fato, a História nos mostra que nenhuma sociedade que tenha adotado a lei da vingança (em geral sociedades ditatoriais) tenha alcançado um estado de bem-estar social e mesmo de justiça.

Há uma dimensão também pessoal do perdão. Para alguns, perdoar pode, sim, ser mais fácil do que para outros.

O processo do perdão (é um processo, não um ato isolado) depende muito de qual nível traumático o gesto de afetação alcançou na pessoa ferida. Por isso, para alguns perdoar é mais difícil. Alguns gestos podem ter acessado e resgatado elementos que estavam adormecidos na personalidade do indivíduo que foi vítima. Dessa forma, é fundamental que a pessoa peça perdão (pois não há perdão sem justiça nem sem pedido de perdão) e entenda até onde foi seu gesto, quais consequências causou. O mais equivocado quando tratamos do tema do perdão é banalizá-lo. Perdoar não é fácil, não é um ato banal nem cotidiano. É um gesto da ordem do extraordinário, que demonstra uma enorme capacidade do indivíduo e da humanidade de resgatar valores e as dimensões mais profundas e belas da espécie.

Na clínica psicanalítica, verifico que, na maioria dos casos, a origem das afetações está relacionada a algum evento do passado, traumático, que ainda não foi elaborado. E essa elaboração só pode ser concretizada por um caminho que resulta em um gesto de perdão. Muitos precisam perdoar e elaborar, para alcançar sua liberdade, elementos traumáticos do passado: pais ausentes, pais violentos, irmãos ciumentos, escolas negligentes, traições, frustrações, preconceitos...

O ato de perdoar reorganiza, em um sentido poético, o horizonte da regra de ouro, pois o conteúdo desta exige

o poder da imaginação, bem como a abertura a novas possibilidades de significados. Dessa maneira, a justaposição da regra de ouro e do mandamento do amor na narrativa bíblica exige uma saída poética, podendo esta ser desenvolvida em duas dimensões: na simbólica, como no Sermão da Montanha e no Sermão da Planície, onde é desenvolvido o primado do dom sobre a obrigação; e no plano teórico, com a articulação entre a economia do dom e a economia da reciprocidade, permitida pelo dom que gera obrigação.

Na Encíclica *Fratelli tutti*, o Papa Francisco insiste na importância e na dinâmica do perdão como elemento civilizatório à humanidade. Dessa maneira, podemos destacar dois caminhos estabelecidos como vias do perdão: o caminho da alteridade e o caminho do reconhecimento. O segundo se mostra mais fundamental, pois é nele que encontramos a retomada bíblica da regra de ouro e a lógica que servirá de base ao perdão: a lógica da superabundância.

O horizonte comum – da memória, da história, do esquecimento e do perdão – é a experiência pretérita ou mesmo a memória, que é “representação presente de uma coisa ausente marcada pelo selo da anterioridade, da distância temporal” (RICOEUR, 2007a, p. 502). Nesse sentido, a história se mostra como herdeira dos problemas que Platão e Aristóteles colocavam à memória, com destaque

para o enigma da presença em imagem da coisa ausente e da anterioridade. Como a memória e a história, o perdão porta a marca da representação presente da coisa ausente. Também o Papa Francisco ressalta a dimensão da representação temporal da memória na Encíclica *Fratelli tutti*:

A *Shoah* não deve ser esquecida. É o “símbolo dos extremos onde pode chegar a malvadez do homem, quando, atizado por falsas ideologias, esquece a dignidade fundamental de cada pessoa, a qual merece respeito absoluto seja qual for o povo a que pertença e a religião que professe”. Ao recordá-la, não posso deixar de repetir esta oração: “Lembraí-vos de nós na vossa misericórdia. Dai-nos a graça de nos envergonharmos daquilo que, como homens, fomos capazes de fazer, de nos envergonharmos desta máxima idolatria, de termos desprezado e destruído a nossa carne, aquela que vós formastes da lama, aquela que vivificastes com o vosso sopro de vida. Nunca mais, Senhor, nunca mais!” (PAPA FRANCISCO, 2020, n. 247).

Ser possível começar de novo está intimamente relacionado à concepção de perdão, pois ele tem fundamento a partir da dialética do ligar e desligar. Arendt e Ricoeur consideram que o perdão seria a solução para o problema da irreversibilidade da ação humana. Referindo-se ao trabalho de Jankélévitch (1974), o autor apresenta a oposição entre o irrevogável e o irreversível, este último significando